

**Entrevista à  
Coordenadora  
Interconcelhia**



**UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR**  
Covilhã | Portugal

**Dr.<sup>a</sup> Isabel  
Marques**

**UBI – Mestrado em Ciências Documentais**  
**[2010]**

**Orientadores:**

Professora Doutora: Maria da Graça Sardinha

Professor Doutor António Pais

**[Guião de Entrevista]**

**Mestrando:**

Pedro Rafael Neto Gomes

**Apresentação e objectivos**

A realização desta entrevista insere-se na recolha de dados no âmbito do Mestrado em **Ciências Documentais** da Universidade da Beira Interior sobre “**A Biblioteca Escolar: Uma Rede de Aprendizagens. O Papel das Parcerias**”

Tem como objectivo conhecer a perspectiva da Coordenadora Interconcelhia, Dr.<sup>a</sup> Isabel Marques, face à utilização da Biblioteca Escolar/ Biblioteca Pública ou outra tipologia de bibliotecas numa óptica de partilha/ parceria e uso comum dos mesmos espaços por públicos distintos. Uma abordagem aos conceitos *joint-use libraries* e *dual-use libraries*.

Os dados recolhidos destinam-se a fins puramente académicos.  
(Autorização para recolha de gravação digital da entrevista e de divulgação da identidade)

**Entrevista à Coordenadora Interconcelhia. Dr.<sup>a</sup> Isabel Marques**



**1. Isabel Marques, actualmente como Coordenadora Interconcelhia da Rede de Bibliotecas Escolares e com vasta experiência enquanto Coordenadora de Biblioteca Escolar, ao longo destes anos nas suas funções tem contactado directamente quer com autarcas, técnicos de bibliotecas públicas coordenadores de bibliotecas, professores bibliotecários e directores de escolas e Agrupamentos. Na sua óptica, que factores é que contribuíram, foram decisivos, para ao fim destes 13 anos a Rede de Bibliotecas Escolares estar implementada em todos os Concelhos do nosso país?**

**Isabel Marques** - Em primeiro lugar, penso que será o reconhecimento do papel das bibliotecas na formação dos alunos enquanto leitores enquanto cidadãos activos, e numa sociedade de informação em que vivemos hoje em dia é necessário cada vez mais, dotá-los das competências necessárias para que saibam usar e tratar essa informação e mais do que isso do seu próprio conhecimento. Para isso é necessário ter técnicos especializados, responsáveis pelos centros de documentação e informação e a grande aposta na igualdade de oportunidades, portanto a nível nacional. Parece-me que é o fundamental, é o reconhecimento da importância das bibliotecas no desenvolvimento das crianças, nos jovens e no sucesso escolar dos mesmos. Portanto abranger, não restringindo o acesso à informação por questões geográficas, económicas, sociais, ou o que seja portanto igualdade de oportunidades.

**Enquanto actualmente coordenadora inter-concelhia, não lhe parece também que foi importante ao longo destes anos uma estabilidade no gabinete de coordenação?**

**Isabel Marques** - Claro, a esse nível, pensei mais na óptica, pensei mais nos alunos, do que propriamente na organização em si.

Claro que uma estabilidade, além dessa estabilidade também, uma definição muito da missão do seu gabinete, princípios orientadores que embora já tenham os treze anos mantêm-se muito actuais, e depois também acho, que é de referir a formação a credibilidade de todos os elementos que o constituem, não é, e aposta sempre no melhoramento dos serviços, alias a criação do professor bibliotecário, é uma das apostas, é um dos marcos importantes nesta carreira, portanto a estabilidade do gabinete claro que sim e uma definição muito clara do que se pretende com a instalação das bibliotecas

**1.1. No que se refere às Bibliotecas Públicas embora o programa se tenha iniciado anteriormente, a abrangência de território é menor e ainda não estão instaladas em todos os Concelhos, o que lhe parece que ainda falta nesta dinâmica?**

**Isabel Marques** - Eu acho que os recursos humanos, é um problema grande da realidade que eu conheço enquanto trabalho, por exemplo existem situações de bibliotecas que embora estejam instaladas, não funcionam, ou seja é como se não existissem, e qual é a dificuldade. A dificuldade é a ausência de recursos humanos, para que se faça essa gestão de bibliotecas para que ela funciona, não se prende com a ausência de pessoas qualificadas, prende-se com a dificuldade em fazer a contratação dessas pessoas. Existem também casos, em que têm os recursos humanos e por questões políticas eles são conduzidos para outras secções, nomeadamente chefes de divisão e etc. Noutros casos onde não



estão instaladas as bibliotecas públicas, muito honestamente eu acho que é uma questão política, e de não valorização ainda do papel bibliotecas públicas em determinados concelhos ou regiões, porque a partir do momento em que isso se torna uma prioridade, acho que se em todos os municípios a prioridade fosse como é nas escolas a instalação de uma biblioteca todos já poderiam tê-la. Se não a consideram uma prioridade, neste momento, eu acho que passa um bocado por ai é o menos.

**2. Em alguns Concelhos onde existem Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Escolares não existe o serviço de SABE (Serviço de Apoio a Bibliotecas Escolares), considera este serviço prioritário e fundamental para a existência de uma real parceria entre estas instituições?**

**Isabel Marques** - Sim obviamente que sim, aliás eu costumo dizer sempre, que a rede de bibliotecas escolares não se chama assim por acaso. O nome não foi inocente, não é. Portanto se está no mesmo concelho, se serve a mesma população, se o público que frequenta as bibliotecas escolares, aliás se as bibliotecas escolares formam o público, o futuro público ou actual público das bibliotecas públicas, então tem que haver um trabalho de parceria muito estreito, para que não estejamos dentro, do mesmo concelho, a falar de rivalidades diferentes. Portanto tomar o utilizador num verdadeiro sentido da palavra implica, uma actuação conjunta, entre todos os envolvidos no mesmo âmbito. Pronto se as crianças começam a frequentar as bibliotecas, quer seja nas públicas, nas escolares provavelmente primeiro as escolares. É importante que depois as rotinas, os hábitos as metodologias, as formas de organização, a disposição do espaço, as formas como se tira a informação, se mantenham sempre, e para haver coerência tem que haver um trabalho de parceria, um trabalho em rede.

2.1. Encara outras formas de cooperação? Partilha?

**2.2. Na sua visão esta parceria/ cooperação deve, e pode, ir até onde? (empréstimos interbibliotecas; portais concelhios; catálogos colectivos, horas do conto, animação....)**

**Isabel Marques** - É uma pergunta difícil, mas eu acho que se pensarmos numa parceria efectiva, verdadeira, e pensarmos simultaneamente, na missão e nos objectivos das bibliotecas, essa cooperação pode ir até tudo aquilo que se considera importante para a consecução desses objectivos e dessa missão, por exemplo se o objectivo, é que tenham acesso, que as pessoas, os utentes, os utilizadores, os alunos, enfim, tenham acesso à informação vinte quatro horas por dias, sete dias por semana, então essa parceria, tem de possibilitar a qualquer utilizador, esse acesso à informação, vinte quatro horas por dia, sete dia por semana, trezentos e sessenta e cinco dias ou seis por ano. Agora depende dos projectos, de cada concelho, de cada realidade, não é, e também das ofertas que se tem, por exemplo, considerando um concelho em que há apenas uma biblioteca escolar e não há pública, a realidade é uma, considerando um concelho em que há uma biblioteca escolar e uma pública, mas que a pública, não tem recursos humanos a realidade é outra, e considerando um concelho que têm dez bibliotecas escolares, uma pública que todos funcionam em articulação podemos ter vários panoramas



multiplicados a nível nacional, que depois depende das realidades, até mesmo a questão social e económica da população recente servem essas bibliotecas, não é. Por exemplo temos bibliotecas que tem uma frequência menor que outros, que não tem haver, com a qualidade do trabalho, tem haver, com a capacidade económica das pessoas de adquirir livros por exemplo, não precisam de recorrer, podem ir até onde for necessário para atingir os objectivos que as bibliotecas se propõe, parece-me.

### **2.3. Onde podemos incluir (envolver/ participar/ dinamizar) a restante comunidade local?**

**Isabel Marques** - Penso que a resposta será muito semelhante à anterior, porque se nós pretendemos um serviço para a comunidade, nós temos os nossos direitos e também as nossas obrigações, por exemplo, eu enquanto utilizadora da biblioteca, enquanto leitora digamos assim, eu tenho o meu direito a usufruir desse serviços, mas se calhar também tenho o direito a poder participar nas áreas em que eu me sinto mais vocacionada para o fazer. Por exemplo, eu enquanto munícipe, de um determinado local, vou à biblioteca pública para ler, para requisitar, para consultar à internet, mas dada minha formação académica também posso em termos de voluntariado fazer um voluntariado a nível da promoção da leitura da promoção da literacia digital que é uma área que me é também muito próxima, mas por exemplo não poderei dar um apoio financeiro, infelizmente não posso dar, se calhar uma empresa, já poderá dar um apoio financeiro e não terá os recursos humanos capazes para fazer promoção de leitura, por exemplo, vamos imaginar que eu seria um construtor civil, se calhar o meu voluntariado poderia passar por eu fazer umas pequenas reparações necessárias em termo de voluntariado com um custo mínimo, sem obter qualquer lucro, portanto cada um na sua área de especialidade poderá envolver-se na dinamização, porque se é um serviço para todos, também todos podemos participar, na prestação desse serviço de acordo com as nossas capacidades quer intelectuais quer materiais, e disponibilidade.

### **Sente que actualmente a sociedade actual está desperta para essa atitude voluntariosa para como a promoção da leitura, especificamente as bibliotecas?**

**Isabel Marques** - Honestamente penso que não, penso que não porque actualmente e por várias razões que não interessam para o assunto, nomeadamente a situação em que está o país, questões políticas, questões sociais, enfim, não interessa particularizar. Eu penso, que as pessoas só têm na sua grande maioria não estou a falar na sua totalidade, vêem o voluntariado apenas com bons olhos, na sua grande maioria volto a frisar, quando isso lhes pode trazer benefícios mais palpáveis digamos assim, ou então quando à uma situação pessoal, que os empurra digamos assim, para essa situação, vou fazer uma comparação que não tem muito haver mas que me parece pertinente, por exemplo uma pessoa, que tem algum familiar, que tem uma doença grave terminal ou cancro por exemplo, no ano a seguir ao fim do familiar falecer, tem tendência a querer fazer voluntariado nessa



área porque percebeu o sofrimento do outro, digamos que é preciso quase o sofrimento nos bater a porta, ou a necessidade nos bater a porta para depois acharmos que é necessário ajudar. Em termos de leitura, acho que passa um bocadinho por aí, portanto em termos do serviço das bibliotecas, enquanto o serviço da biblioteca não for valorizado, como uma coisa essencial para todos e imprescindível para todos também penso que não haverá essa disponibilidade tão grande para esse voluntariado. Por outro lado também acredito, que possa haver pessoas que tenham essa disponibilidade, embora nunca tenham repensado nisso, se calhar ao lançarmos o desafio poderão querer fazer isso, e aqui se calhar salienta-se logo uma questão, que não sei se vai ser abordada, que é a questão do marketing. Portanto nós as vezes queremos, enquanto profissionais de bibliotecas queremos esse voluntariado, queremos essa cooperação, mas se calhar pecamos um bocadinho na divulgação dessa nossa vontade, portanto não podemos esperar que nos batam a porta, teremos de desenvolver iniciativas para darmos as pessoas que estamos receptivos.

**3. Como encara a possibilidade de uma Biblioteca de uma determinada tipologia prestar um serviço efectivo e ser gerida duplamente por outro tipo de público? Por exemplo uma biblioteca escolar servir uma comunidade durante o período não lectivo? Vantagens? Desvantagens ou obstáculos?**

**Isabel Marques** - Vantagens são muitas não é, trabalhar, não são bibliotecas, mas são muitas. Para já rentabilizávamos um serviço, que em vez de funcionar nove meses por ano iriam funcionar sempre só teria vantagem de rentabilização de espaço, e do serviços que ela presta, outra vantagem é quanto mais diversificado for o público melhor se tornará o serviço porque também os serviços. Os serviços de bibliotecas, enriquece, fica enriquecido, com a diversidade do público que abrange, e poderia aproveitar sugestões concertada que iriam avaliar as suas colecções para o público que servia iria enriquecer o seu fundo de acordo com a diversidade não é, por exemplo, uma biblioteca escolar que não recebe adultos, e é uma constatação que tenho em algumas escolas especialmente, naquelas que não tem ensino secundário, é que em termos de recursos ou de fundo documental está pouco direccionado para adultos, o que se calhar também impede que alguns professores frequentem as bibliotecas não como professores, mas sim como leitores e utilizadores da biblioteca. Se calhar abrindo a um público mais heterogéneo as sugestões recebidas iriam também melhorar essa prestação de serviços, durante o período lectivo, mais vantagens, o desenvolvimento dos níveis de literacia é óbvio, quanto mais tempo, quanto mais serviço, mais público, melhor os níveis de literacia, maior seria a diversidade de serviços também a prestar, já falamos também na horas do conto, em encontros com escritores, em feiras de livros, algum tipo de actividades que direcciona mais para a comunidade em geral, se calhar, não são tão exploradas essas hipóteses, pensa mais nos alunos, se calhar



diversificamos mais. Portanto estas vantagens, já seriam mais que suficientes para justificar. Impedimentos também existem alguns nomeadamente os recursos humanos.

Os recursos humanos, que seriam necessários para garantir esse funcionamento, que não seria só quem não dinamizaria as bibliotecas, mas prende-se, também com alguns em questão de infra-estruturas, nomeadamente por exemplo, pensando numa escola que eu trabalhei muitos anos na biblioteca, em que fiz essa experiencia de abrir a comunidade aos fins-de-semana, embora eu não tivesse tido bons resultados, mas pelo menos foi tentado, para além de mim que tive de me disponibilizar como voluntaria para ir lá ao fim de semana abrir a biblioteca ao público, havia a necessidade de alguém para abrir a escola e por aí sucessivamente, portanto é necessário uma equipa que permita isso, a não ser que a escola tenha, ou a biblioteca escolar neste caso, se for o caso, se estivermos a falar de bibliotecas escolares que tenham acessos exteriores que não tenham que envolver a abertura do espaço em si. Depois não sendo em regime de voluntário, teríamos os obstáculos financeiros, que teria de ser necessário pagar, não é. Portanto, essencialmente acho, que é os recursos humanos que será o maiores obstáculo, porque o serviço não se presta por si só. Falando em termos clínicos, posso prestar serviços online mas não é a mesma que ter os serviços físicos da biblioteca em si.

**4. Existem algumas experiências pontuais no nosso país que a BE está aberta fora de horas ou durante o período de férias escolares para servir a comunidade. (pequeno exemplo o que foi efectuado na BE de Alpedrinha durante o verão de 2008) como encara esta possibilidade tendo em conta os recursos humanos necessários para tal?**

**5. Os conceitos “Joint-use libraries” e “Dual use libraries” já largamente implementado em países como os EUA, o Canada a Austrália e na Europa do norte. Sendo este países “ricos/ desenvolvidos” não fará muito mais sentido em países com menores recursos, como o nosso, a implementação deste conceito? E efectivar a rentabilização dos espaços e recursos materiais e humanos disponíveis numa determinada comunidade?**

**Isabel Marques** - Vamos relacionar com o que já disse também, não é por acaso que eles são mais desenvolvidos não é, se calhar já fizeram o trabalho de casa vamos chamar-lhe assim, de despertar as pessoas para a importância dos serviços que as bibliotecas prestam, em termos económicos, em termos políticos, em termos sociais, já se fala largamente da literacia económica, eu lembro-me de quando, se falava apenas na literacia enquanto saber ler e escrever e pouco mais. Portanto se eles são desenvolvidos, esses países são mais desenvolvidos que os outros é porque reconhecem também, e sabem quais os caminhos para esse desenvolvimento, obviamente que os países menos desenvolvidos teriam todas as vantagens em ter esses serviços de bibliotecas porque através dessa prestação as pessoas ficariam mais informadas, mais formadas, mais despertas para o



---

conhecimento, para a produção do conhecimento, e quando nós produzimos mais em termos, eu vou repetir mas, de conhecimento estamos, a fazer com que o país avance, e se torne mais desenvolvido. Portanto, é quase como a alfabetização não é, os países que tinham menos pessoas a saber ler e a escrever, obviamente que se desenvolviam a um ritmo menor do que aqueles que o faziam, portanto as bibliotecas desempenham um papel fundamental a esse nível, e faz muito mais sentido que seja nos países menos desenvolvido que comece rapidamente a acontecer.

**6. Quais os maiores obstáculos se poderão colocar à implementação destes conceitos?**

**7. O Plano Nacional de Leitura, encara-o como um Plano com múltiplas possibilidades entre elas o fomento desta parceria entre as Bibliotecas Públicas e Escolares?**

**Isabel Marques** - Sim se houver um verdadeiro trabalho de parecerias, se não continuarmos a ter um plano que fomente essas parecerias e o implementemos apenas na nossa escola. Portanto, a questão por exemplo da circulação de fundos, dos agrupamentos, intra-agrupamentos, com a criação das redes concelhias, rentabilização, se isso for implementado claro que sim, agora se continuarmos com um projecto que não lhe damos o dinamismo que ele pretende ter, então aí se calhar temos algumas dificuldades, mas penso, que é o mais-valia reconhecida internacionalmente, mas que tem que ser cada vez mais aceite e reconhecido, por todas bibliotecas e todos os intervenientes nessa dinamização, por exemplo, uma das coisas que eu acho fundamental, a nível de PNL é uma política concelhia pelo menos. E parece-me que após estes anos de implementação de PNL, ainda há algumas deficiências a esse nível que era importante rentabilizar, porque em termos de económicos, e mais uma vez referindo a situação em que vivemos, cada vez é mais importante a gestão financeira, dos nosso recursos e haver esse trabalho de parceria, até que o trabalho de uns irá complementar outros e enriquecer a disponibilidade de títulos para leitura.

**8. Para uma efectiva concretização do “Joint-use libraries “ e “Dual use” embora o espaço possa ser comum, como observa a constituição de equipas de trabalho, organização e gestão global do mesmo?**

**Isabel Marques** - Das equipas de trabalho, portanto falamos, das equipas, das bibliotecas escolares, públicas, todas.

**Utilizando já este conceito, como é que encara então a constituição deste equipe de trabalho. Como seria então a equipa ideal?**



**Isabel Marques** - A equipa ideal. A equipa ideal, tinha que ter obrigatoriamente, parece-me a mim, um representante de todos os envolvidos nesse programa Join-use-libraries não é. A, saber nós já temos, um grupo de trabalhos concelhios, em que estão as bibliotecas escolares e municipal, e eventualmente, consoante as parecerias que depois se instituísse representantes, dessas instituições, vamos imaginar, uma situação idílica em que havia um banco, que financiaria toda a parte financeira, o representante dessa instituição bancária, vamos imaginar que existiria uma por exemplo uma associação local que daria voluntários para animação de várias áreas, o representante dessas instituições, ou eventualmente um que representasse todos os outros parceiros, a acompanhar com essa equipa fulcral, teriam que estar depois equipas locais em cada um dos intervenientes, ou seja subequipas, digamos assim, a quem esses protagonistas do núcleo central pudessem depois orientar, nos seus locais de trabalho, para que fizéssemos uma verdadeira planificação conjunta e orientação conjunta, portanto seria um grupo duro, digamos assim, que depois iriam orientar outras equipas locais no sentido de desenvolver o plano que construíssem de acordo com a sua parte local se for o caso, não podemos ir além disso, mas onde todos tivessem de facto um papel activo, com uma definição criteriosa da função de cada, e do papel de cada que depois se replicasse nos locais onde.

8.1. E a gestão de espaços e recursos materiais?

**9. Actualmente contamos com a Rede de Bibliotecas Públicas e a Rede de Bibliotecas Escolares e relativamente às Bibliotecas Universitárias? Também encara a necessidade da existência de uma Rede Nacional de Bibliotecas Universitárias? Haverá necessidade, também de serem constituídas numa rede?**

**Isabel Marques** - Mais uma pergunta difícil. Eu acho que sim, aliás eu não acho que sim, eu tenho a certeza que sim. Porque, relacionando com o que já disse também se os leitores se começam a formar na barriga da manha, e depois na escola e depois na biblioteca pública em simultâneo com as bibliotecas universitárias, essa gestão de procedimentos desses objectivos, e etc. tem que ser ao longo da vida, alias hoje é recorrente ouvirmos falar na aprendizagem ao longo da vida, e por isso mesmo a coerência na aprendizagem também é fundamental, portanto quando eu falo em bibliotecas, quase nunca me ocorre bibliotecas escolares, bibliotecas públicas, bibliotecas universitárias, bibliotecas especializadas, bibliotecas privadas, ocorre-me apenas a palavra bibliotecas, logo que para qualquer pessoa seja um bom utilizador na bibliotecas tem que haver coerência, tem que haver rede, não interessa, se estou no Algarve, se estou no norte, não é. Eu tenho de ter sempre a mesma filosofia, a mesma missão, o mesmo objectivo, e penso que será fundamental essa rede.

**9.1. Se sim, vislumbra esta rede sob a alçada de que ministério? O do Ensino Superior? Passaremos a ter a RBP sob a alçada do Ministério da Cultura e das Autarquias, as**



---

## **Bibliotecas Escolares sob o do Ministério da Educação e uma possível rede de Bibliotecas Universitárias no Ministério do Ensino Superior?**

**Isabel Marques** - Provavelmente, mas penso que para termos, para conseguirmos a rede que falamos desde o início da nossa conversa, uma rede efectiva não pudemos encarar as redes, sem estarem interligadas, portanto não adiante ter, eu costumo comparar como a maioria faz os trabalhos de grupo não são trabalhos de grupo, são uma soma de trabalhos individuais, portanto para termos uma rede de bibliotecas não podemos ter uma soma de várias redes, temos que ter uma rede única, em que haja a participação conjunta, porque senão acabam por ser projectos separados, obviamente, que trabalham em rede, e não essa articulação por exemplo nos grupos concelhios onde já há universidades, vou dar o exemplo do território que acompanho sem qualquer distinção desse em relação a outros, em detrimento de outros, na Covilhã temos rede de bibliotecas escolares, temos bibliotecas públicas e temos bibliotecas universitárias, se vier a constituir essa rede de bibliotecas universitárias não vejo outra solução, se não a inclusão da biblioteca universitária na rede concelhia que já temos das bibliotecas escolares e pública, mais este concelho até tem uma biblioteca especializada, que é a biblioteca do hospital da Cova da Beira, que na minha opinião também deveria participar nessa rede conjunta portanto falamos em bibliotecas ponto.

**Então, seria de todo interessante, em termos superiores da tutela, possivelmente vir a repensar num grande projecto da promoção de leitura e das literacias interministerial?**

**Isabel Marques** - Interministerial, numa mega, à semelhança dos mega agrupamento mega redes de bibliotecas onde todos os intervenientes poderiam estar presentes e trabalhar em conjunto. Aliás reportando à minha experiência enquanto coordenadora interconcelhia, penso que a partilha, o trabalhar com outros públicos, outras realidades só enriquece o nosso próprio trabalho e ate mesmo para os profissionais de informação e das bibliotecas seria uma mais valia trabalhar em conjunto, que não apenas só sua, a biblioteca universitária só teria a ganhar se trabalhasse em parceria com a escolar, e todos benefícios que referi ao longo perguntas todas, desde a económicos, a sociais, de aprendizagem todos tinham a ganhar com isso.

**10. Algumas autarquias do nosso país, nomeadamente Óbidos e Oeiras, estão a intervir na construção de espaços escolares distintos (JI e 1ºECB) com a envolvimento de zonas ajardinadas, pavilhões desportivos, auditórios e especialmente Bibliotecas. Estas valências são para utilização de toda a população local. Este conceito só será possível com a implementação deste tipo de escolas comunitárias?**

**Ou poderemos rentabilizar exactamente já edifícios que possam existir?**

**Isabel Marques** - Eu penso que podemos rentabilizar, mas alguns já existentes, mas a grande maioria para colmatar algumas das dificuldades, que se teriam em termos de abertura aos fins-



de-semana, inclusivamente à noite etc. Para colmatar algumas dificuldades, nomeadamente no que diz respeito aos recursos humanos, é necessário uma construção de raiz, mas não vejo isso apenas em termos de serviço de bibliotecas, nós também sabemos que o nosso parque escolar está degradado, temos vários exemplos de escolas recentes com uma década apenas, que já necessitariam de uma intervenção profunda, e se encararmos isso como uma realidade, uma necessidade real, eu penso seria muito mais fácil fazer uma intervenção de raiz em muitos dos casos, embora, haja alguns que eventualmente pudessem resolver pelo menos numa fase inicial, acho que aí não posso ter uma opinião geral, porque a diversidade de infra-estruturas é tão grande, tão grande a nível nacional que é impossível pensar nisso.

10.1. Que impacto social pode ter na comunidade um Biblioteca de uso comum ou que seja partilhada por públicos distintos?

**11. Alguns autores como Sharon Honig-Bear, Willian Miller e Rita Pellen, entre outros, referem que o maior problema para a implementação do “Joint-use” e “Dual-use” está relacionado com o sentimento de posse dos intervenientes, da gestão de orçamentos e dos recursos humanos. Que comentário faz?**

**Isabel Marques** - Honestamente não me apetece comentar, porque isso era uma contestação. Para a qual, eu não ponho sequer em causa, e tenho alguma pena honestamente, tenho alguma pena que isso seja assim. E Esse sentimento de posse, implica uma mudança de mentalidades, que é difícil, e muito mais do que difícil é muito morosa. Porque não nos podemos esquecer que a tradição até aqui tem sido esse sentimento de posse, e é muito difícil fazer-se ver as pessoas que tem que mudar. E já, não vou falar na parte financeira e tomada de decisão, eu vou falar isso seria muito mais complexo, mas a nível dos recursos em si dou um exemplo, de bibliotecas escolares, que é a realidade que melhor conheço, os agrupamentos embora já tenham alguns anos, são uma realidade recente em termos históricos não é, e temos a chamadas, as tão conhecidas bibliotecas populares que era assim que se chamava, em que havia aqueles livrinhos que estavam na sua escolinha, que agora faria todo o sentido em pertencer ao fundo do agrupamento, fundo documental do agrupamento. E, não é nada de estranhar quando um professor bibliotecário, ou até o coordenador interconcelhio se desloca à escolas, e diga esses livros vão para a escola sede, e a resposta é, não, não, não, esses livros são nossos. Até posso dizer, que numa escola a bem pouco tempo, o caso tomou uma repercussões complicadas, embora sem discussão acesas, e a minha resposta para uma professora teve que ser, então se são teus tem de os levar para casa, aqui é que não podem ficar. E parece que foi uma palavra mágica para aquela senhora, porque então ela percebeu afinal que não eram dela, senão tinha que os levar para casa, e então aí percebeu que afinal eram do agrupamento, e penso que as pessoas continua achar isso, porque acham que a deslocação física, de um recurso implica a sua perda definitiva, mesmo



que ao estar presencialmente, não o utilizem. Faz-me lembrar um bocadinho aquelas coisas que nós guardamos em casa para vermos quando estamos arrumar, e só nos ocupa espaço. Portanto há um trabalho conjunto, e acho que é sim neste ponto, temos que referir o papel de alguém que ainda não falamos directamente que és direcções dos órgãos de gestão, quer seja das escolas, quer seja das autarquias, os dirigentes, porque são eles que tem que definir claramente, e apoiar a cem por cento essas mudanças de atitude, e definir com linhas claras a forma como as coisas têm que funcionar e as alterações, que elas são feitas. Relacionando, é como as tecnologia antes nós queixávamo-nos, ou as pessoas queixavam-se porque não tinham os recursos, agora têm os recursos, e não os usam, porque se queixam, que não funcionam como queriam, quando funcionarem como queriam, vamos aguardar, para saber então, o que é que vem a seguir. Portanto, as lamentações costumam ser a ordem do dia e não o optimismo para mudança de atitude.

**12. Os mesmos autores referem que para uma eficaz parceria/ partilha entre as instituições deve ser implementada uma atitude dos 5 C “Collaborate, Communicate, Cooperate, Change and Challenge.” Ou seja Colaborar, Comunicar, Cooperar, Estar preparado para a Mudança e apostar em novos Desafios. Na sua perspectiva acrescentaria mais algum passo/ atitude?**

Isabel Marques - Eu se calhar, eu não acrescentaria nenhum, eu ponha o challenge em primeiro lugar, de facto é um verdadeiro desafio, enquanto nós não aceitarmos esse desafio mesmo a sério, todos os outros ficam comprometidos. Porque é muito bom dizer, vamos partilhar, vamos colaborar, mas por trás desses conceitos todos, existe um trabalho que não é visível, vou dar um exemplo muito rápido, partilhar recursos, toda a gente diz que partilha, mas partilhar não é telefonar com duas horas de antecedência, manda-me lá esses livros, que eu preciso deles agora. Portanto, o planificar o timing, se calhar é um conceito que eu não associaria, não acrescentaria a esses que referiu, porque para mim está implícito, é preciso saber se quem aceita esses desafios e essa colaboração, e essa partilha percebe, que por trás disso tem, que haver uma planificação.

**13. O Professor Bibliotecário, como um estratega, é uma peça fundamental para esta mudança?**

Isabel Marques - Obviamente, mas vamos falar em professor bibliotecário, e não vamos falar num professor que desempenha as funções de professor bibliotecário, há uma diferença muito grande, portanto se o professor bibliotecário for de facto aquilo, que se espera com essa categoria, então sim, se for um professor que está a desempenhar as funções de, porque não há um verdadeiro professor bibliotecário. Então, aí, o trabalho também vai ficar comprometido, é uma peça fundamental sem dúvida, se calhar uma das peças mais fundamentais, se não a mais fundamental, mas tem que ser verdadeiramente um professor bibliotecário, como tudo aquilo, que esse conceito acarreta.



---

**14. Por último gostaria de acrescentar mais algum aspecto significativo que considere pertinente para esta abordagem?**

**Isabel Marques** - Eu penso que, embora possa não ter haver directamente com as questões, que me foram colocadas, penso que é imprescindível, que haja muitas pessoas a fazer este tipo de trabalho, de reflexão, de investigação, relativamente ao papel das bibliotecas e ao trabalho do enredo, para que a visibilidade da importância deste serviço seja cada vez mais implementada e para, que tudo o que foi dito possa ser possível. E, penso que esta preocupação deveria ser todos os intervenientes, e considero embora possa ser suspeita para falar, considero que são as bibliotecas escolares, e é o ministério da educação, digamos assim, que tem insistido mais e os outros vêm de certa forma as vezes por acréscimo, e esta preocupação, este envolvimento devia ser em rede, de todos os ministérios, de todas as pessoas, de todas as instituições envolvidas. Espero que isto seja uma realidade muito próxima.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Pedro Rafael neto Gomes